

PLANETA

* ENTREVISTA Tasso Azevedo

'FALTA UM OBJETIVO CLARO À COP-17'

Para especialista, desafio da Conferência do Clima da ONU em Durban é definir uma meta global de corte de emissões para o longo prazo

Afra Balazina

O engenheiro florestal Tasso Azevedo, de 39 anos, consultor na área de clima e flores-tas, participou ativamente da criação de uma meta brasilei-ra de corte de emissões de ga-ses-estufa, em 2009. Ex-dire-tor do Serviço Florestal Brasi-leiro, ele avalia que o País agora precisa mostrar que é mais ativo do que outros emergentes, como China e Índia, e explicitar que está pronto para compromissos. Para Azevedo, é importan-te que os quase 200 países que negociarão na Conferên-cia do Clima da ONU em Durban (COP-17) definam uma meta global de corte de emissões para o longo prazo. “O problema da Convenção do Clima é não ter um objeti-vo claro. Não sabemos onde queremos chegar”, afirma.

● **Em 2009, o Brasil levou uma meta de corte de emis-sões de CO₂ para Copenha-gue, o que foi muito bem visto. Como o País pode continuar a liderar entre os emergentes?** O Brasil tem procurado atuar em várias frentes com China e Índia. E acho que em 2009 houve uma decisão, dois meses antes da COP, de manter com esses países um acordo geral sobre as coisas, mas que o Brasil se diferen-ciaria dizendo que a gente precisa ter metas e que as nossas responsabilidades precisam estar expressas em compromissos mais fortes. E, ao colocar o seu compro-misso na mesa, sua meta na-cional, o que o Brasil gerou foi um movimento de apre-sentação de compromissos dos outros países emergen-tes. A China apresentou seu compromisso, assim como Índia, México e África do Sul. Hoje, precisamos dar um novo salto.

● **Qual seria esse novo salto?** A perspectiva é que o relató-rio do IPCC, que vai sair em 2013 e 2014, seja muito mais contundente do que o atual. Os impactos das mudanças climáticas são maiores do que o previsto anteriormen-te, os riscos também. E isso

levará a recomendações do pró-prio IPCC para ações mais con-tundentes do conjunto dos paí-ses, em um contexto em que a emissão atual dos ditos emer-gentes já supera a emissão das nações desenvolvidas. E, em al-gum momento entre 2020 e 2030, até a emissão histórica dos países emergentes já será maior que a dos industrializa-dos.

● **As emissões de China e Índia?** Sim, China, Índia, Brasil e Indo-nésia. Se já estamos visualizan-do isso, sabemos que não hаве-rá solução se não formos capa-zes de puxar as emissões para baixo rapidamente. E, como o Brasil é potencialmente mais impactado pelas mudanças cli-máticas do ponto de vista eco-nômico, social e ambiental do que a China, por exemplo, a prioridade para o País deve ser que todos reduzam, em espe-cial aqueles que estão aumen-tando as emissões, como é o ca-so de China e Índia. Então, embora o País tenha um padrão de emissão muito mais baixo que esses outros paí-ses, ele tem de dar todos os si-nais de que também quer que esses países assumam compro-missos de redução.

● **O Brasil se esconde atrás de países mais pobres para não ter de agir?** O País não se esconde atrás das ilhas e dos países africanos, co-mo fazem os chineses, mas tam-bém não explicita de forma cla-ra que está pronto para assumir compromissos. É importante sa-ber que o Brasil tem clareza de que está no grupo que assumirá parcelas maiores de responsabi-lidade porque tem condições para tal. E que outras econo-mias mais fracas e menos desen-volvidas deverão ter responsabi-lidades menores.

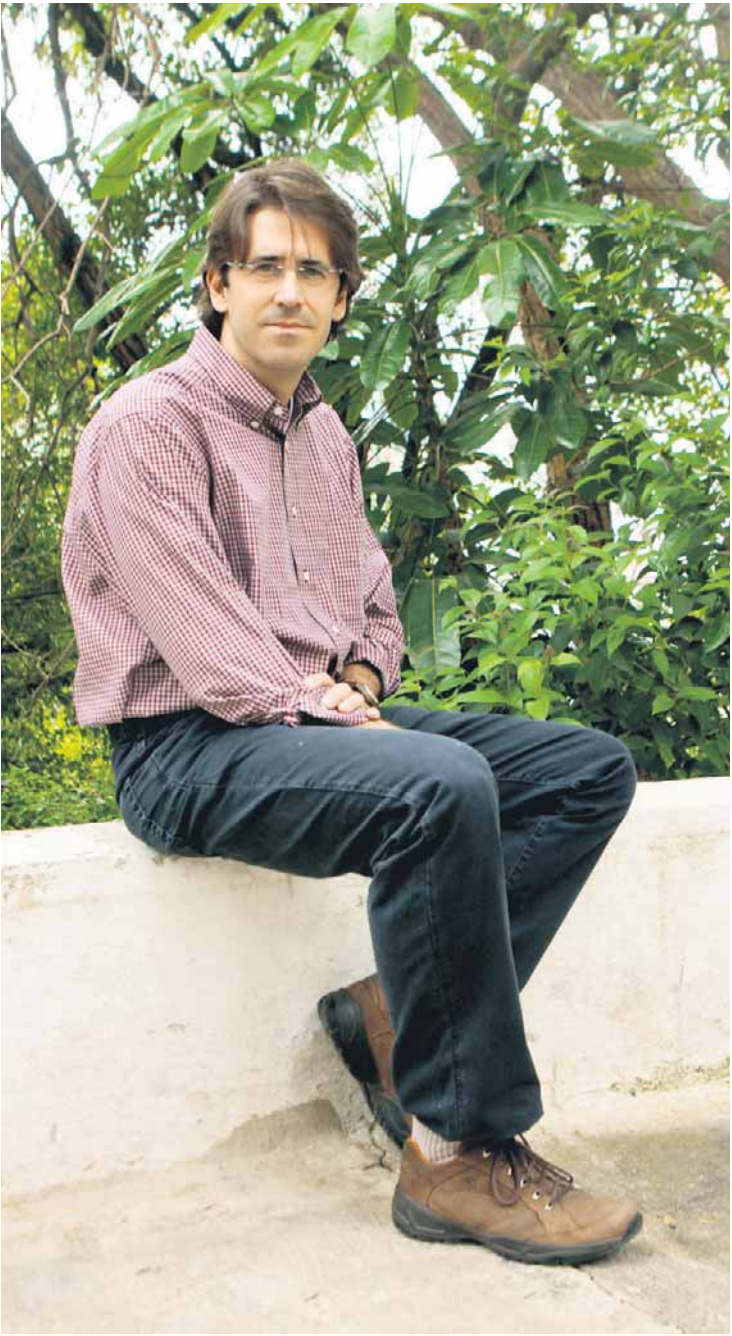
● **E para isso o País precisa se afastar do G77+China, grupo que reúne os países em desenvolvi-mento e os emergentes?** Não. Mas hoje no G77 acaba prevalecendo a posição mais conservadora, da China princi-palmente. Como todo grupo em que se trabalha por consen-so, acaba-se nivelando por bai-xo. A gente precisa dar sinais de que concordamos em certas coi-

sas, mas que vamos puxar mais forte.

● **E como fazer isso?** Acho que o Brasil deveria defen-der que nessa reunião de Dur-ban a gente seja capaz de defi-nir qual é a meta global de lon-go prazo para a redução das emissões. Ou seja, em quanto o mundo deveria reduzir as emis-sões até 2030 ou 2050. A meta global é dizer onde a gente quer chegar. Temos hoje uma convenção sem um objeti-vo claro. Temos uma meta clara em relação à mobilização de re-cursos, que é de chegar a US\$ 100 bilhões por ano em 2020 (*recursos que os países desenvolvi-dos passariam às nações em desen-volvimento para combater e se pre-parar para as mudanças do cli-ma*). Mas falta uma meta de mi-tigação. Já concordamos que nosso objetivo é limitar o aumento da temperatura a 2°C. Agora, preci-samos ir além. Até porque a temperatura é difícil controlar, mas as emissões podemos con-trolar. Fica mais concreto. E a gente só resolveu o problema dos gases que destroem a cama-da de ozônio quando colocou li-mites, a mesma coisa ocorreu com as emissões dos carros.

● **E como os países dividiriam essa meta global?** Teremos os próximos anos pa-rra negociar como distribuir o peso entre os diferentes atores. É óbvio que os países menos de-senvolvidos na África, na Ásia e na América Latina poderão ocu-par um espaço maior de carbo-no (*poderão emitir mais*), porém é fundamental que aqueles que já estão se desenvolvendo mais, os emergentes, já comecem a pensar num processo radical pa-rra reverter as emissões.

● **Qual deve ser o teto para as emissões?** O que se conclui da informação disponível, especialmente pelo que aponta o IPCC, é que te-mos de limitar as emissões de carbono em 1,8 mil gigatonela-das (Gt) de carbono equivalen-te durante todo este século pa-rra termos 25% de chance de li-mitar em 2°C o aumento da temperatura média do planeta. Isso dá uma média de 18 Gt por ano, só que nós estamos emitin-



Risco. 'Sem meta definida, não há mobilização', diz Azevedo

QUEM É

TASSO AZEVEDO
CONSULTOR NA ÁREA DE CLIMA E FLORESTAS

* Engenheiro florestal forma-do pela Esalq/USP. Foi dire-tor-geral do Serviço Florestal Brasileiro, diretor executivo do Instituto de Manejo e Cer-tificação Florestal e Agrícola, secretário executivo do Con-selho Nacional de Florestas (Conaflor) e um dos formula-dores do Fundo Amazônia.

do mais de 50 Gt por ano! Só tem um jeito de a conta fe-char: temos de começar a redu-zir as emissões para chegar em 2050 emitindo um máximo de 10 Gt por ano. Uma redução de 80% em relação a nossas emis-sões atuais. Essa deveria ser a meta global.

● **E a meta é viável?** Às vezes eu ando em aviões na Amazônia que têm um risco al-to, mas não entro num avião que tenha uma chance em qua-tro de chegar ao destino. Então, por que a gente acredita que ain-

menos desenvolvidos para que façam o mesmo. Por isso a liderança do Brasil é tão de-sejada pelo mundo.

● **Como evitar que a crise fi-nanceira mundial atrapalhe as negociações?** No momento de crise muito forte, discutir recursos é mais temerário. Discutir obje-tivos de longo prazo é me-lhor. Vai ser uma COP muito influenciada pela situação de crise. Como de certa forma foi a COP-14, em Poznan (Po-lônia). Mas em Poznan havia a perspectiva de Copenha-gue pela frente.

● **A aprovação do novo Código Florestal pode impactar o Bra-sil no combate às mudanças climáticas?** Se prevalecer o texto mais pa-recido com o aprovado da Câ-mara haverá impactos dire-tos. O texto amplia a possibi-lidade de desmatamento e re-duz a possibilidade de restauro-ração e recuperação dos am-bientes. Então, podem aumen-tar as emissões por desma-tamento e podem ser re-duzir a captação das emis-sões por restauração da vege-tação.

O texto também reduz a proteção que as florestas nos dão, que são fundamentais para a nossa adaptação às mudanças climáticas. E esse é um ponto crucial. Um Códi-go Florestal que praticamen-te elimina topo de morro e encostas gera um problema para a proteção física das po-pulações que serão mais im-pactadas pelo aumento da concentração das chuvas. O que aconteceu em Santa Ca-tarina e na Região Serrana do Rio ficará mais corriqueiro. Mas acredito que ainda há tempo de operar para que a gente reduza muito esse im-pacto negativo. Acho que na Comissão de Meio Ambien-te, o engenheiro florestal Jor-ge Viana, que é o relator, con-seguirá trabalhar para que o projeto tenha avanços e o bom senso prevaleça.

● **Um fracasso na COP impac-tará a Rio+20?** A discussão da Rio+20 é mais ampla. Mas hoje ela é um evento do ponto de vista de conteúdo de pouco signifi-cado. Porém, coisas que apare-ceram no documento brasi-leiro que foi submetido à ONU são interessantes. A ideia de ter um progra-ma global para a redução da pobreza e promoção da quali-dade ambiental é forte, da-quelas de difícil implementa-ção no curto prazo, mas que tem uma mensagem forte: de que reduzir a pobreza e me-lhorar a qualidade ambiental são atividades siamesas, que podem acontecer juntas e precisam ter investimento.

FOTOSSÍNTESE



Combustível fóssil. Segundo a ANP, em 8 dias vazaram 3 mil barris de petróleo de um poço da Chevron no Campo de Frade, Bacia de Campos, afetando uma área de 160 km²

ROBERTO SANTANA/AP